

Folha de S. Paulo

2/7/2002

TECNOLOGIA

Segundo estudo, quem estaria mais ameaçado de perder empregos seriam trabalhadores sem qualificação

Colheita mecânica de cana tira 300 mil vagas

José Sergio Osse

Da Reportagem Local

A mecanização da colheita de cana-de-açúcar no Brasil pode acabar com mais de 300 mil postos de trabalho no campo, demonstra um estudo do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) da Esalq/USP. Esse contingente corresponde a cerca de 16% do total de desempregados em toda a região metropolitana de São Paulo.

O impacto social dessas demissões, de acordo com o estudo, seria ainda maior pelo fato de que a maioria desses trabalhadores tem menos de três anos de escolaridade e praticamente nenhuma qualificação técnica.

O estudo calcula três cenários hipotéticos, com aumentos variados da mecanização na colheita, em relação à realidade brasileira de 1997. Segundo o autor do estudo, professor Joaquim Guilhoto, o fato de a base do levantamento ser o ano de 1997 não invalida as conclusões obtidas. Para ele, o estudo mostra tendências.

Em 1997, afirma, 20% da colheita de cana era feita por máquinas. Hoje, essa proporção passou a cerca de 25%. "Não há, portanto, uma diferença tão grande entre as realidades", diz Guilhoto.

Para o professor, o aumento da mecanização da colheita é inevitável. Segundo ele, o Brasil é, atualmente, bastante competitivo no mercado internacional de açúcar. Mas, se manter essa posição, será obrigado a melhorar sua produtividade. E essa melhora só viria com o uso de máquinas nas lavouras, segundo ele.

Segundo o secretário administrativo do sindicato dos cortadores de cana de Piracicaba, Antônio Sotto, uma colheitadeira de cana substitui, em média, 80 cortadores. Como cada um deles ganha, em média, R\$ 300, a economia com mão-de-obra é de R\$ 24 mil por mês, R\$ 144 mil por safra de seis meses. Em pouco mais de três safras, a máquina paga seu custo inicial — de R\$ 400 mil, em média — apenas com a economia na mão-de-obra.

Para o presidente da Coplacana (Cooperativa dos Plantadores de Cana da Região de Piracicaba), José Coral, o custo para implantar a mecanização na colheita ainda é proibitivo. "Além do custo da máquina, há também o custo de modificação nas usinas e no sistema de transporte", diz.

Segundo Coral, as máquinas colhem a cana e, ao mesmo tempo, picam o material. Dessa forma, em lascas, seria necessário mudar a forma de transporte da cana, que é transportada em feixes, em caminhões abertos. Outro problema é que as usinas teriam que mudar a forma de moagem para produzir com cana em lascas.

Mas, para ele, o que mais pesa é mesmo o custo social da mecanização. "Imagine esse monte de gente sem estudo perdendo o único trabalho que pode realizar."

